

**DA ADOÇÃO/ADAPTAÇÃO DE GÊNEROS À SUA  
SUBVERSÃO – ANÁLISE DA “CONFISSÃO PASMOSA”  
DE ÁLVARO SILVESTRE EM *UMA ABELHA NA CHUVA***

NOÉMIA JORGE

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa /  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

ROSÁRIO LUÍS

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

*ABSTRACT: Oriented by the theoretical principles adopted by the Socio-Discursive Interactionism (SDI), we present in this paper an analysis of a single text (the “incredible confession” by Álvaro Silvestre, a character in the novel, Uma Abelha na Chuva, by Carlos de Oliveira) as an example that updates and subverts the textual genre confession. Therefore, we will reflect on the mechanisms of textual realization that are used by the process of adoption-adaptation and subversion of the genre in question, taking into account some of its semiolinguistic dimensions, as are considered in Miranda (2007) (including thematic, compositional, enunciative and strategic intentions).*

*Our analysis of the “incredible confession” by Álvaro Silvestre will demonstrate that a link between mechanisms of adoption / adaptation and the mechanisms of subversion are related to the problematics of intertextualization and fictionalization of genres.*

*KEYWORDS: textual genre; confession; intertextualization; fictionalization*

## **1. Introdução**

O trabalho que vamos apresentar inscreve-se nos princípios teóricos defendidos pelo interaccionismo sociodiscursivo (ISD), tal como têm vindo a ser definidos por Bronckart (1997, 2005, 2008). Globalmente, o ISD assume-se como uma abordagem logocêntrica (Bronckart, 1997:152) que visa demonstrar o carácter fundador da linguagem no desenvolvimento humano. Em termos de objecto de análise centra-se nos textos, encarados como unidades comunicacionais (entidades empíricas resultantes da interacção entre a actividade social em que são produzidas e a língua), cuja construção está

dependente de determinadas formatações, designadas por géneros. Embora tenha sublinhado a importância das relações texto/género, Bronckart não inclui, no seu modelo de arquitectura textual, parâmetros de análise desta relação. Assim, recuperaremos a concepção proposta por Coutinho & Miranda (2009) e Miranda (2010), retomando os conceitos de intertextualização e de ficcionalização de géneros.

De acordo com estes princípios gerais, propomo-nos analisar um excerto do romance *Uma Abelha na Chuva* de Carlos de Oliveira, a “confissão pasmosa” de Álvaro Silvestre, de forma a demonstrar que, por um lado, o texto apresenta *mecanismos de realização linguística* que denotam a adopção/adaptação de *parâmetros* do género *confissão* e, por outro, mecanismos que indiciam a presença de um segundo género textual, a *declaração*. O nosso objectivo não consiste, portanto, na análise do género em si, mas sim na reflexão sobre as adaptações/transições genéricas operadas num texto empírico (entendido como exemplar que actualiza determinado género). Relativamente a este texto, pretendemos verificar se estaremos perante um caso de intertextualização ou de ficcionalização de géneros, bem como analisar as implicações daí decorrentes em termos de construção do universo diegético.

No que respeita a aspectos metodológicos, centrar-nos-emos, como já referimos, apenas num exemplar de um texto, utilizando, à luz do ISD, uma metodologia descendente, que nos leva a partir do contexto de produção para o nível textual e (micro)linguístico. A nível genérico-textual, seguiremos o dispositivo de análise proposto por Miranda (2010), considerando, por um lado, os aspectos que integram a dimensão situacional, ou seja, o contexto de produção e, por outro, os mecanismos semiolinguísticos que integram os seguintes módulos: *temático*, *enunciativo*, *composicional*, *estratégico-intencional*.

## 2. O conceito de texto

Na linha dos pressupostos teóricos defendidos pelo ISD, Bronckart (1997, 2008) define texto como um produto oral ou escrito, como uma unidade de comunicação, construída segundo regras linguísticas, discursivas e contextuais. Deste modo, qualquer texto se encontra associado a um género, que materializa a actividade social em que o referido texto é produzido. No universo ilimitado de géneros, qualquer texto constitui um objecto único, com um estilo próprio, cuja construção engloba, na óptica do autor, três camadas sobrepostas: a infraestrutura geral, os mecanismos de textualização e os mecanismos de responsabilidade enunciativa. São estas camadas que integram o modelo de arquitectura interna dos textos.

Neste modelo, destacamos a primeira camada, que se nos afigura de particular relevância no âmbito do presente trabalho. Referente ao nível mais profundo, a infraestrutura de um texto inclui o plano geral relativo à organi-

zação do conteúdo, os tipos de discurso (TD) decorrentes da semiotização dos mundos discursivos, diferentes sequências (narrativas, descritivas, injuntivas, explicativas, argumentativas e dialogais), outras formas de planificação (o *script* e a esquematização) e as modalidades de articulação entre os TD. Bronckart (1997, 2005, 2008) encara os TD como segmentos configuracionais cuja estruturação depende das formas em que se podem desdobrar os dois tipos de operações do pensamento humano. O primeiro diz respeito à relação de disjunção *versus* conjunção das coordenadas que organizam o conteúdo temático em relação às coordenadas gerais da situação de produção do agente; daí resulta, por um lado, a ordem do *contar* (se a relação é de disjunção) e, por outro, a ordem do *expor* (quando a relação é de conjunção). O segundo tipo decorre da relação de implicação *versus* autonomia das instâncias de agentividade verbalizadas relativamente ao agente produtor e à situação de acção linguística. Do cruzamento destas relações resultam quatro tipos discursivos: *narrativo interactivo* (disjunção/implicação) *versus* *narracção* (disjunção/autonomia); *discurso interactivo* (conjunção/implicação) *versus* *discurso teórico* (conjunção/autonomia). Estes tipos discursivos, que constituem modalidades enunciativas, caracterizam-se do ponto de vista linguístico pela presença de diferentes mecanismos linguísticos. Para exemplificar, poderemos salientar que o discurso interactivo privilegia, ao invés do discurso teórico, a presença de deícticos pessoais, temporais e espaciais. No que respeita à relação entre os TD e os géneros, Bronckart (2005) defende que um tipo de discurso pode estar presente em diferentes géneros e que a análise das características linguísticas destes nos géneros constitui uma das tarefas do ISD. Por outro lado, considera que a estrutura geral dos géneros depende das actividades humanas a que aqueles estão associados, integrando-se, assim, na dimensão praxiológica, ao invés dos TD, integrados na dimensão gnoseológica ou epistemológica.

### 3. O conceito de género

No ponto anterior foi referida a ligação entre os conceitos de texto e de género, na perspectiva do ISD. Contudo, Bronckart limita-se a associar o texto a um determinado género, não incluindo, no seu modelo de arquitectura textual, parâmetros que facultem a análise das relações texto/género, nem apontando estratégias que permitam proceder à descrição linguística dos géneros, como foi atrás salientado.

Tal como é sublinhado por inúmeros autores, nomeadamente Coutinho & Miranda (2009) e Miranda (2010), a noção de género tem ocupado um lugar de destaque nas diferentes correntes linguísticas que se têm debruçado sobre os conceitos de texto e de discurso, na linha das propostas defendidas, na década de vinte, por Bakhtine acerca dos géneros de discurso. No entanto, tal como estes dois últimos conceitos, o de texto e o de discurso, também a noção de género se reveste de grande complexidade, decorrente do facto de

se tratar de uma entidade abstracta, mutável e associada a múltiplos factores quer linguísticos quer de carácter social. Assim, de acordo com as autoras, é fundamental estabelecer princípios metodológicos que permitam a análise e a descrição de géneros de textos. Embora estando conscientes das dificuldades que se colocam a esta tarefa, Coutinho & Miranda (2009) e Miranda (2010) começam por criticar aquilo que consideram os falsos argumentos da impossibilidade de classificação, apontando diferentes modelos da descrição de géneros, nomeadamente, Bakhtine (1984), Adam (1990, 1999, 2002), Maingueneau (1996, 1998) e Bronckart (1997, 2005) que, na sua opinião, têm em comum o facto de não relacionarem, efectivamente, o conceito de texto com o de género. Em segundo lugar, partindo dos princípios da identidade centrípeta (responsável pela repetição, pelo carácter normativo) e o da diferença centrífuga (associado à inovação) propostos por Adam (2002) para caracterizar a referida relação e as afirmações de Bronckart (2005) – que sugerem a possibilidade de identificação de aspectos diferenciadores de géneros –, consideram fulcral, por um lado, dar conta dos movimentos de *estabilidade* e de *variação* e, por outro, saber como os textos se relacionam com os formatos de que dependem. Para atingir estes dois propósitos, defendem a aplicação do mesmo modelo de análise ao texto concreto e ao género a que este pertence, salientando que

the instrument that we are presenting has been conceived using the frame of the socio-discursive interactionism. To this we have added some ideas of other linguists and discourse analysts, especially to analyze less explicit or less evident aspects.

Coutinho & Miranda (2009: 41)

De acordo com as autoras, no caso do género, a análise pretende evidenciar “the foreseeable characteristics that constitute the identity of the genre” ou seja, os *parâmetros de género*. No que se refere ao texto, a análise tem em vista verificar “the way the text (each text) assumes the predictabilities that are determined by the genre”, isto é, os *mecanismos de realização textual*. Tendo em consideração que os géneros são construções sociais, inerentes a uma determinada prática social, a sua análise implica obrigatoriamente aspectos discursivo-linguísticos e sociais. Na verdade, tal como é defendido pelas linguistas supracitadas, apesar de serem duas tarefas metodologicamente diferentes, a análise genérica e a análise textual não deixam de estar ligadas, uma vez que a análise de um género implica uma fase de análise textual, assim como a análise de um texto pressupõe que este se integra num determinado género.

### 3.1. A intertextualização e a ficcionalização de géneros

Miranda (2010:146-152) apresenta um dispositivo de análise<sup>1</sup> que integra duas dimensões fundamentais: a dimensão situacional e a dimensão semiolinguística da organização interna dos textos. A primeira engloba os factores de natureza psico-social que influenciam a produção, a circulação e a recepção dos textos, nomeadamente, o sujeito, a temporalidade, o espaço, o suporte, a finalidade e ainda outros parâmetros. Por sua vez, a dimensão semiolinguística diz respeito aos aspectos relativos à semiotização dos textos ou dos géneros, integrando seis módulos ou planos que reúnem um conjunto de fenómenos (unidades, mecanismos e processos). Os módulos são os seguintes: temático, enunciativo, composicional, estratégico-intencional, disposicional, interactivo. Assim, é a partir deste dispositivo, enunciado de forma resumida, que se processa a “reconstrução da configuração das propriedades psico-sócio-semióticas” quer do texto objecto de análise, quer do género, consoante os objectivos previamente definidos (Miranda, 2010:153).

Como é defendido na obra citada, as características de um género são mutáveis e dinâmicas, alterando-se ao longo do tempo. Por outro lado, o modelo de género que está na base da produção e da interpretação de determinado texto pode ser respeitado ou alterado de acordo com os objectivos do(s) agente(s) de produção. Por este motivo, muitas vezes, aquele agente serve-se de mecanismos de textualização associados a diferentes géneros. Para evidenciar estes processos complexos de adaptação/adopção, de subversão e de mistura de géneros num dado texto, Miranda propõe o conceito de intertextualização, definindo-o como uma relação secundária que, baseada no processo primário de textualização, “constitui um processo de produção textual em que se põem em relação de co-presença traços ou parâmetros de textualização associados a géneros diferentes” (Miranda, 2010:172). Para situar e definir com mais precisão esta noção, a autora recupera os conceitos de transtextualidade, intertextualidade, hipertextualidade, metatextualidade, peritextualidade e architextualidade propostos por Genette na década de 80 do século passado, sublinhando que esta taxonomia “sólida e fundadora” não se refere ao cruzamento de géneros. Entre os diferentes conceitos, destaca o de hipertextualidade, que diz respeito à problemática do cruzamento de géneros, mas também às relações entre textos e entre estilos, sendo, por isso, demasiado abrangente. Por outro lado, menciona Marcuschi (2003), que aponta o conceito de *intertextualidade inter-géneros* para denominar a *hibridação ou a mescla de géneros*. Por último, faz um paralelo entre o conceito de intertextualidade, proposto por Kristeva, em 1969, e o de intertextualiza-

---

<sup>1</sup> Miranda (2010) constrói este instrumento de análise, a partir dos modelos apresentados por diversos autores como Bronckart, Maingueneau, Adam e Bernárdez. No entanto, como é explicitado pela autora, foram introduzidos fenómenos que não tinham sido contemplados ou que tinham sido pouco desenvolvidos nas propostas anteriores.

ção, demonstrando que o primeiro diz respeito à relação entre textos e o segundo à relação entre géneros<sup>2</sup>.

Dada a ambiguidade associada aos dois conceitos e com o intuito de os explicitar de forma mais objectiva, Miranda retoma a proposta de Authier-Revuz (1984)<sup>3</sup> acerca da *heterogeneidade constitutiva* e da *heterogeneidade mostrada*, distinguindo, assim, dois tipos de intertextualidade e dois tipos de intertextualização: a constitutiva e a mostrada ou estratégica.

De acordo com a própria designação, a *intertextualidade constitutiva* pressupõe uma relação particular e obrigatória entre dois textos: a existência de um dos textos depende exclusivamente da existência do outro. Segundo a autora, esta característica é um dos parâmetros de alguns géneros, como o da recensão crítica, cuja existência pressupõe obrigatoriamente a existência da obra X. Por seu lado, a *intertextualização constitutiva* “é a relação necessária entre dois ou mais géneros no interior de um texto” (Miranda, 2010:187), como o *cartoon*, género que convoca obrigatoriamente outros géneros, embora estes possam, por vezes, não ser identificados. A *intertextualização mostrada* ou *estratégica*, por seu turno, é descrita como “um processo de construção textual em que se convocam traços associados a géneros diferentes daquele em que se inscreve o texto em causa, sem que se trate de uma relação causal necessária” (Miranda, 2010:188). Assim, este processo assume uma funcionalidade que poderá ser pragmática, estética, crítica ou meramente lúdica.

Apesar de estarmos perante dois processos diferentes, como nos é demonstrado na obra que temos vindo a citar, a autora defende que a intertextualidade e a intertextualização não deixam de apresentar aspectos comuns. A nível do funcionamento geral, ambas são influenciadas por condicionamentos de género e de discurso, podendo também ser utilizadas com diferentes objectivos. Quanto ao papel dos conhecimentos partilhados e das representações, poderão verificar-se diferenças, já que os processos de intertextualidade não implicam que o destinatário conheça o texto convocado (*hipotexto*) enquanto a intertextualização pressupõe sempre que o destinatário identifique o género convocado (*hipogénero*).

---

<sup>2</sup> À semelhança de Mafalda Leite (2003) e de Alexandra Pinto (1997), também Miranda (2010) sublinha o carácter ambíguo do conceito intertextualidade, usado quer no âmbito da Teoria Literária quer no domínio da Linguística. Esta constatação leva-a a propor este novo conceito para traduzir o cruzamento de géneros.

<sup>3</sup> A autora apoia a sua concepção nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da análise do discurso, a partir de Foucault, na problemática do dialogismo apresentada por Bakhtine e na abordagem do conceito de sujeito em relação à linguagem, elaborada por Freud e Lacan (Authier-Revuz, 1984: 99-101). Enquanto a *heterogeneidade constitutiva* do discurso diz respeito aos processos reais da constituição desse discurso, a *heterogeneidade mostrada* engloba os processos de representação, num discurso, da constituição desse mesmo discurso. No entanto, estes dois conceitos, apesar de distintos, não são antagónicos, tal como é demonstrado pela autora.

No que respeita às operações de realização, Miranda aponta três: introdução, reformulação e imitação, sendo a primeira comum aos dois processos. A autora sintetiza-as num quadro elucidativo, que transcrevemos parcialmente:

PROCESSOS	OPERAÇÕES
INTERTEXTUALIDADE	<b>Introdução</b> – reprodução sem alterações
	<b>Reformulação</b> – substituição, eliminação, acréscimo ou troca de constituintes
INTERTEXTUALIZAÇÃO	<b>Introdução</b> – actualização de outro(s) género(s)
	<b>Imitação</b> – ficcionalização de outros géneros

Quadro 1: Operações de intertextualidade e intertextualização (Miranda, 2010:194)

Miranda chama a atenção para o facto de apenas o processo da intertextualidade ter sido objecto de inúmeros estudos no domínio da Teoria Literária e dos Estudos Linguísticos, facto que explica os problemas que se colocam relativamente ao processo da intertextualização. Na opinião da autora, será importante identificar os marcadores de género, ou seja, os mecanismos de realização textual que funcionam como pistas ou indícios da inscrição de um texto num determinado género<sup>4</sup>. Por outro lado, defende a existência de marcadores que apontam ou apenas indiciam quer o hipergénero (“género convocante”) quer o hipogénero (“género convocado”). Após ter procedido à análise e identificação dos marcadores genéricos num *corpus* alargado, conclui que é impossível fazer o seu levantamento exaustivo e finito dado que “potencialmente, qualquer mecanismo pode vir a desempenhar essa função” (Miranda, 2010:309).

No âmbito deste tema, Coutinho & Miranda (2009) apresentam ainda o conceito de *ficcionalização* de géneros (como pudemos observar no quadro anterior, Miranda utiliza o mesmo conceito para explicitar a operação de *imitação*). De acordo com as autoras, trata-se de uma re-elaboração conceptual que se filia directamente nos conceitos de hipertextualidade (Genette, 1982 e Adam, 2005), no conceito de intertextualização proposto por Miranda (2010) e ainda em Bernié (2002). Assim, as autoras propõem a distinção entre *actualização* e a *ficcionalização* de géneros, estando este último conceito associado não ao cruzamento, mas antes à simulação de géneros. Esta situação ocorre sempre que determinado género é utilizado com objectivos diferentes daqueles que lhes estão associados. Por este motivo, afirmam que alguns dos parâmetros genéricos têm de ser mantidos e que os textos que

<sup>4</sup> Miranda (2010:198) identifica dois tipos de marcadores de género: os *marcadores auto-referenciais*, que funcionam como etiquetas peritextuais e que indicam a inscrição de um texto num hipergénero ou a inscrição de um hipogénero, e os *marcadores inferenciais*, que sugerem apenas indícios.

ficcionalizam géneros exigem que se tenham em consideração os mesmos géneros na sua vertente actualizada e não ficcionalizada: “this enumerating also allows the understanding that the fictionalization of a genre does not imply the total subversion of the generic parameters”(Coutinho & Miranda, 2009:50).

#### 4. A “confissão pasmosa” de Álvaro Silvestre: mecanismos de adopção/adaptação e subversão de géneros

O **Texto A**, que reproduzimos a seguir, constitui um excerto do romance *Uma Abelha na Chuva*, escrito por Carlos de Oliveira e publicado no ano de 1953. Trata-se concretamente da “confissão pasmosa” de Álvaro Silvestre, integrada no segundo capítulo da obra:

##### **Texto A**

Eu, Álvaro Rodrigues Silvestre, comerciante e lavrador no Montouro, freguesia de S. Caetano, concelho de Corgos, juro por minha honra que tenho passado a vida a roubar os homens na terra e a Deus no céu, porque até quando fui mordomo da Senhora do Montouro sobrou um milho das esmolas dos festeiros que despejei nas minhas tulhas.

Para alguma salvaguarda juro também que foi a instigações de D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, minha mulher, que andei de roubo em roubo, ao balcão, nas feiras, na soldada dos trabalhadores e na legítima de meu irmão Leopoldino, de quem sou procurador, vendendo-lhe os pinhais sem conhecimento do próprio, e agora aí vem ele de África para minha vergonha, que lhe não posso dar contas fiéis.

A remissão começa por esta confissão ao mundo. Pelo Padre, pelo Filho, pelo Espírito Santo, seja eu perdoado e por quem mais mo puder fazer.

Oliveira (1992:884)

Como já referimos, o **Texto A** surge inserido no universo diegético do romance *Uma Abelha na Chuva*. Neste nível, estamos perante um processo de ficcionalização de géneros: a “confissão pasmosa” simula o género *confissão*, na medida em que, mantendo os parâmetros deste género textual, é utilizada com objectivos diferentes daqueles que normalmente lhe são associados, objectivos esses que se prendem com a actividade literária e com a construção da diegese.

O processo de ficcionalização leva a que sejam considerados dois níveis de análise textuais e genéricos, um de natureza englobante (nível 1), outro de natureza incluída (nível 2). O **Quadro 2** sintetiza isso mesmo:

Níveis de análise	Actividade	Género	Texto
Nível 1 Nível englobante	Literária	Romance	“Uma Abelha na Chuva”
Nível 2 Nível incluído	Religiosa Jurídica Jornalística	Confissão	“Confissão pasmosa”

Quadro 2: Níveis de análise

O **nível 1**, dado o seu carácter global e abrangente, assume uma feição simultaneamente autónoma e englobante; o **nível 2** encontra-se numa situação de inclusão e de dependência relativamente ao nível 1, partilhando, por isso mesmo, as características do primeiro nível. Quer isto dizer que o texto “confissão pasmosa”, o género *confissão* e as actividades religiosa, jurídica e jornalística não existem autonomamente, devendo ser entendidas como elementos incorporados no texto *Uma Abelha na Chuva*, no género romance e na actividade literária, respectivamente.

#### 4.1. Actividade(s) e contexto(s) de produção

Considerando os dois níveis de análise anteriormente identificados, poder-se-á afirmar que há duas actividades sociais/de linguagem e dois contextos de produção a ter em conta na análise da confissão de Álvaro Silvestre, na medida em que ambos influenciam o texto propriamente dito.

Assim, num nível de análise mais profundo (**nível 1**), destaca-se o contexto de produção físico e sociosubjectivo do romance *Uma Abelha na Chuva*, relacionado com a actividade literária. Trata-se, pois, de um texto produzido pelo autor Carlos de Oliveira, no âmbito da área literária, publicado em Portugal no ano de 1953. O ano da publicação da obra é bastante sugestivo uma vez que, em termos históricos, aponta para a opressão da ditadura salazarista e, em termos literários, para o período do Neo-Realismo. Relembre-se ainda que o referido romance está integrado no chamado ciclo gandarês (a par de *A Casa na Duna*, de 1943, e de *Pequenos Burgueses*, de 1948). Consequentemente, o contexto de produção deste texto encontra-se condicionado por coordenadas temáticas específicas: as personagens interagem na zona da Gândara, onde, sob condições climatéricas adversas, a prática da agricultura é fonte de riqueza para os donos das terras e de mera subsistência para o povo; onde as condições de vida deprimentes da classe trabalhadora (o povo), que tenta em vão ascender de classe social, contrastam com as da aristocracia e da burguesia rural em decadência, que buscam uma saída para

a crise económica ou social em que se encontram; onde a ânsia pelo lucro se associa ao acelerar do desenvolvimento de economias de carácter monopolista e à progressiva industrialização.

O contexto de produção da “confissão pasmosa” (nível 2) tem uma natureza ficcional (dado tratar-se de uma operação de ficcionalização intertextual) e fictiva (na medida em que se recria, por meio de um processo de ficção/ficcionalidade, um contexto de produção inerente ao universo diegético)<sup>5</sup>. O produtor da “confissão pasmosa” é a personagem Álvaro Silvestre, pertencente à burguesia rural e casado com D. Maria dos Prazeres Pessoa Alva de Sancho Silvestre, outra personagem do romance, mas oriunda da nobreza fundiária; a confissão é produzida sob a forma escrita, estando o contexto de circulação associado ao desejo de publicação, por parte do seu autor, no *jornal da Comarca*, em primeira página e com *letra bastante gorda*. O receptor textual será, desta forma, não só Medeiros (director do jornal, que lê o texto, ainda, na sua forma manuscrita), como também o público leitor desse jornal, após o momento de publicação; o objectivo do texto, segundo Medeiros, é fazer um *acto público de contrição*.

#### 4.2. Género(s) e texto(s)

Dado que os géneros são modelos abstractos cujo acesso se efectua apenas por intermédio de textos, apresentamos de seguida, com vista a uma análise comparativa, a transcrição de um segundo exemplar do género *confissão*:

##### Texto B

Eu me confesso a Deus todo-poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado S. João Baptista, aos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos e a vós padre que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras (bater com a mão no peito três vezes). Por minha culpa, por minha culpa, por minha tão grande culpa.

Portanto, rogo à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado S. João Baptista, aos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos e a vós, padre, que rogueis a Deus Nosso Senhor por mim.

Freitas Barros (1943:30-31)

Quanto ao contexto de produção, o **Texto B** é contemporâneo do **Texto A**, circulando no seio da actividade religiosa.

<sup>5</sup> Concebemos aqui o conceito de ficção/ficcionalidade tal como ele é definido no âmbito dos estudos literários (cf. Reis & Lopes, 1998:160: “entende-se que o factor primeiro da ficcionalidade é a colocação ilocutória do autor e o seu intuito de construir um texto na base de uma atitude de fingimento”).

A classificação genérica do **Texto B** revela-se consensual: trata-se da *confissão*, fórmula litúrgica que integra a Eucaristia católica e que é recitada pelos fiéis individualmente no momento que antecede o Sacramento da Confissão. O mesmo não se passa com o **Texto A**, na medida em que, apesar de ser designado como *confissão*<sup>6</sup>, este texto parece sofrer contaminações de um outro género textual, a *declaração*. Perante esta situação, podemos colocar duas hipóteses: estaremos perante um caso de intertextualização ou de ficcionalização de géneros? Recordemos que, enquanto a intertextualização pressupõe o cruzamento de géneros, a ficcionalização, segundo Coutinho & Miranda (2009), implica a utilização de um género com objectivos diferentes dos que lhe estão normalmente associados, sendo mantidos alguns dos parâmetros genéricos. Assim, se, por um lado, podemos considerar que existe um cruzamento, isto é, intertextualização, por outro, a *confissão*, hipergénero que convoca a *declaração* (hipogénero)<sup>7</sup>, é utilizada com objectivos distintos dos que lhe estão subjacentes, como iremos verificar. Deste modo, deixaremos para já em aberto as duas hipóteses atrás enunciadas.

Para além da etiqueta com que o **Texto A** é apresentado e que funciona como marcador de género auto-referencial, a análise de diferentes mecanismos semiolinguísticos permite-nos, num primeiro momento, afirmar que ambos os textos actualizam o género *confissão*. Embora, em sentido restrito, a nível do contexto de produção, não possamos afirmar que os dois textos sejam efectivamente produzidos no âmbito exclusivo da actividade religiosa, não temos dúvida em sublinhar que, tanto no **Texto A** como no **Texto B**, o papel social do sujeito produtor se encontra relacionado com os conceitos de culpa/falta/pecado, contrição/arrependimento e humildade. Por outro lado, em termos da finalidade, os dois textos têm como objectivo exprimir a auto-reconciliação, pedir a absolvição e cumprir determinadas prescrições religiosas, relacionadas com rotinas católicas institucionalizadas.

Em termos temáticos, composicionais, enunciativos e estratégico-intencionais, verifica-se na arquitectura textual dos dois textos a recorrência de determinados mecanismos de realização textual que permitem identificar algumas das previsibilidades do género *confissão*.

Ao nível da dimensão composicional, destaca-se uma infraestrutura organizada com base no discurso interactivo. Com efeito, em ambos os textos (apesar de monologados) verifica-se a exploração dos tempos do plano do discurso, destacando-se o presente do indicativo (Texto A: *juro, sou, começa*; Texto B: *confesso, rogo*) e do conjuntivo, com valor exortativo (Texto A: *seja eu perdoado*; Texto B: *rogueis*) e o pretérito perfeito simples

---

<sup>6</sup> Note-se que é com esta designação que o texto circula no universo diegético: Medeiros classifica-o como *confissão pasmosa*; Álvaro, como *confissão ao mundo* ou simplesmente *confissão*.

<sup>7</sup> No âmbito da actividade jurídica (Direito Romano Clássico), a *confissão judicial* é definida como acto declaratório, na medida em que consiste na declaração da verdade dos factos contrários aos interesses de quem a produz, que passa a funcionar como prova.

(Texto A: *fui, despejei, foi, andei*; Texto B: *pequei*). Para além disso, predominam as marcas de primeira pessoa do singular, nos pronomes, determinantes e formas verbais (Texto A: *Eu, minha, juro...*; Texto B: *Eu, me, confesso...*).

Ainda no que concerne a dimensão composicional – com inevitáveis repercussões temáticas – destaca-se um plano geral semelhante, constituído por três partes: na primeira parte (relativa ao primeiro parágrafo do Texto A e à primeira frase do texto B), procede-se à acusação de faltas/pecados; na segunda (correspondente ao segundo parágrafo do Texto A e à segunda frase do Texto B), identifica-se o culpado; na terceira (último parágrafo dos textos), suplica-se a intercessão dos santos e de Deus (em que está implícito o pedido de perdão). A própria estruturação frásica é semelhante nos dois textos, assentando numa construção hipotáctica – sendo a primeira frase de cada texto iniciada com um elemento subordinante (Texto A: *juro*; Texto B: *Confesso*), de que depende uma oração subordinada completiva (Texto A: *que tenho passado a vida a roubar...*; Texto B: *que pequei muitas vezes...*).

No que diz respeito à dimensão enunciativa, destaca-se o uso dos deícticos de primeira pessoa (pronomes pessoais *eu* e determinante *minha*). É o *eu* que assume a responsabilidade dos factos, veiculados como certos e verdadeiros. Daí advém que, em termos estratégico-intencionais, em ambos os textos se verifique a predominância de actos assertivos.

Se há aspectos em que o **Texto A** adopta e adapta o género *confissão*, outros há em que o subverte.

O primeiro relacionar-se-á com as escolhas lexicais, relativas à dimensão temática. Ao contrário do que acontece com o **Texto B** – em que é evidente a predominância de léxico e de fórmulas associadas à actividade religiosa (*Confesso, Deus todo-poderoso, bem-aventurada sempre Virgem Maria, bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, bem-aventurado S. João Baptista, Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, Santos, padre, pequei, rogo, rogueis, Deus, Nosso Senhor*) –, no **Texto A** verifica-se uma presença apenas esporádica de fórmulas associadas à actividade religiosa. (Com efeito, para além das palavras *remissão* e *confissão*, apenas a fórmula ritual de fecho *Pelo Padre, pelo Filho, pelo Espírito Santo* se enquadra neste âmbito.) A atenuação da actividade religiosa parece ser suplantada por outras duas actividades, a jornalística (na medida em que o texto foi escrito com vista a publicação ulterior) e a jurídica.

Na verdade, a actividade jurídica parece sobrepor-se às restantes, facto que é evidente na forma como o sujeito de enunciação procede à sua própria identificação e à da sua esposa (*Álvaro Silvestre, comerciante e lavrador no Montouro, freguesia de São Caetano, concelho de Corgos; D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, minha mulher*). Estamos, portanto, perante dados que remetem para a identidade social e jurídica e não para a identidade de pessoa que, numa dimensão religiosa, assume a responsabilidade dos actos que praticou, despindo-se do ser social.

Esta opção pela identidade sociojurídica em detrimento da identidade religiosa está ainda presente na fórmula utilizada para introduzir a confissão (*juro por minha honra* em vez de *confesso*). Por outro lado, a própria noção de “pecado” está ausente no texto de Álvaro. Para além disso, o pedido de perdão é feito não só a Deus (única entidade que teria o poder de perdoar, de acordo com a actividade religiosa), mas também *a quem mais o puder fazer*.

A actividade jurídica repercute-se, ainda, no início do segundo parágrafo. Por um lado, o recurso à fórmula *Para alguma salvaguarda*, usada por Álvaro Silvestre de forma algo vaga e indefinida (como o demonstra o quantificador existencial *alguma*) e colocada em local de destaque (no início de frase, em posição temática), apresenta-se como mecanismo subversor do género. Efectivamente, no género *confissão*, as culpas são assumidas pelo “eu” que se encontra arrependido e pretende redimir-se das suas culpas. Ao iniciar a frase com a expressão *Para alguma salvaguarda*, Álvaro Silvestre denota a preocupação das consequências que certamente advirão da divulgação das faltas cometidas. Por outro lado, e no seguimento dessa mesma fórmula, a culpabilização de outrem (*foi a instigações de D. Maria dos Prazeres...*) é também ela subversora do género já que, como atrás sublinhámos, prevê-se que, numa *confissão*, o enunciador se acuse apenas a si próprio e se responsabilize pelos seus actos.

Ao nível da dimensão enunciativa, há a salientar, no texto de Álvaro Silvestre, a ausência de marcas explícitas de um receptor textual enquadrado no âmbito religioso. Com efeito, se no **Texto B** o receptor abrange, por um lado, entidades de natureza transcendente (*Deus todo-poderoso, bem-aventurada sempre Virgem Maria, bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, bem-aventurado S. João Baptista, Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, todos os Santos*) e por outro, *o padre* (oficiante da cerimónia litúrgica), que é identificado pela segunda pessoa do plural e pelo vocativo (*a vós, padre*), no **Texto A** refere-se apenas que a confissão é destinada *ao mundo*, omitindo-se quer as entidades de natureza transcendente, quer a figura do padre.

Finalmente, no que concerne à dimensão estratégico-intencional, sublinha-se o facto de no **Texto A**, ao contrário do que acontece no **Texto B**, não estarem presentes actos directivos directos decorrentes do acto de rogo. Em vez deles surgem actos indirectos, como o demonstra a última frase do **Texto A**, ao recorrer à voz passiva (*seja eu perdoado*).

Em suma, verifica-se, no texto produzido por Álvaro Silvestre, uma oscilação entre a adopção/adaptação do género *confissão* e a sua subversão:

Dimensões genéricas	Adopção/adaptação do género confissão	Subversão do género confissão
<b>Dimensão temática</b>	<b>Tema:</b> confissão <b>Subtemas:</b> acusação de faltas; súplica à intercessão dos santos <b>Léxico e fraseologias:</b> fórmula de fecho; presença dos vocábulos <i>confissão</i> e <i>remissão</i>	<b>Subtemas:</b> não assunção da culpa; responsabilização de outrem <b>Léxico e fraseologias:</b> ausência dos vocábulos <i>confesso</i> , <i>pecar</i> , <i>culpa</i> ; abundância de estruturas relacionadas com a actividade sociojurídica
<b>Dimensão composicional</b>	<b>Tipos de discurso:</b> dominância do discurso interactivo <b>Plano geral</b> <b>Estruturação frásica:</b> Frase complexa com oração subordinada completiva dependente de verbos como “jurar” ou “confessar”	
<b>Dimensão enunciativa</b>	<b>Deixis pessoal:</b> marcas de 1. <sup>a</sup> pessoa <b>Modalidade epistémica:</b> grau máximo de conhecimento	<b>Deixis pessoal:</b> ausência de marcas de 2. <sup>a</sup> pessoa
<b>Dimensão estratégico-intencional</b>	<b>Actos de fala:</b> actos assertivos	<b>Actos de fala:</b> substituição dos actos directivos directos por actos indirectos

Quadro 3: Adopção/adaptação e subversão do género *confissão* pelo **Texto A**

A abundância de estruturas linguísticas relacionadas com a actividade sociojurídica na confissão de Álvaro Silvestre, associada aos subtemas da não assunção da culpa e da responsabilização de outrem pelos actos pessoais e ao próprio facto de o produtor textual ter escrito o texto com o intuito de o publicar num jornal e de o tornar público, leva a que o texto dificilmente possa ser encarado como um exemplar *puro* do género *confissão*. O efeito de estranheza é evidente no próprio universo diegético de *Uma Abelha na Chuva*: a personagem Medeiros (director do jornal *A Comarca*) considera que o texto produzido por Álvaro Silvestre não se rege totalmente pelo género em causa, apelidando-o de *confissão pasmosa*. De facto, como já referimos, o texto apresenta mecanismos textuais decorrentes não só da actividade religiosa mas também da actividade jurídica, sendo, por esse motivo, contaminado pelo género *declaração*. Deste modo, poderemos afirmar que estamos perante um processo de intertextualização mostrada ou estratégica, de acordo com a concepção de Miranda (2010).

### 3.3. A subversão do género *confissão* ao serviço da ficcionalização

A subversão do género *confissão* assume diferentes funções, que se relacionam com a construção do universo diegético do romance *Uma Abelha na Chuva*.

Em primeiro lugar, permite evidenciar a caracterização psicológica da personagem Álvaro Silvestre e a sua relação conflituosa com a mulher. Através de uma “confissão pasmosa”, Álvaro Silvestre confessa publicamente a sua má conduta (associada ao roubo e à desonestidade), mas não parece querer responsabilizar-se pelos seus actos, ou sequer estar realmente arrependido; o seu objectivo visa, sobretudo, a exposição pública dos actos da esposa instigadora, bem como a sua culpabilização. Contaminado por outros géneros, o género *confissão* vê, assim, esbatida, a responsabilidade enunciativa que lhe é inerente.

Em segundo lugar, repare-se ainda que a confissão de Álvaro Silvestre contribui para a identificação do contexto de produção da obra *Uma Abelha na Chuva*, nomeadamente no que se refere aos conflitos de classes sociais característicos das obras do ciclo *gandarês*. Por um lado, o conflito entre a burguesia rural e a aristocracia é sugerido pela forma como Álvaro se identifica a si próprio e à esposa – note-se que, neste conflito, Álvaro Silvestre surge como figura dominada, insegura e submissa (daí a necessidade de salvaguarda); por outro, o conflito entre exploradores (Álvaro Silvestre) e explorados (vítimas de roubo) é visível na forma como a personagem denuncia a sua supremacia económica, bem como a busca do lucro fácil e a opressão material infligida aos que o servem ou com ele convivem. Finalmente, a confissão pode também ser encarada como um veículo de crítica religiosa na medida em que o casal Silvestre comunga dos preceitos do catolicismo, recebendo nos seus serões o padre e a suposta irmã, cujos comportamentos são objecto de crítica. O facto de a personagem subverter o género vem, portanto, ampliar as contradições da vivência religiosa que são patenteadas ao longo da obra.

Face à análise realizada, poderemos concluir que estamos perante um caso de ficcionalização de géneros; com efeito, a “confissão pasmosa” de Álvaro Silvestre tem objectivos diferentes daqueles que estão associados ao género *confissão*, como bem o demonstra a presença de mecanismos de realização textual que apontam para parâmetros de dois géneros distintos, a *confissão* e a *declaração*. A subversão do género *confissão*, encarada numa perspectiva de intertextualização e de ficcionalização, poderá assim ser entendida como estratégia linguística ao serviço da construção do universo diegético da obra *Uma Abelha na Chuva*.

### Textos analisados

- Freitas Barros, J. C. (1943) *Missal Romano Quotidiano*, 4.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Ed. do Patriarcado.
- Oliveira, C. (1992) *Uma Abelha na Chuva*. In *Obras Completas*. Lisboa: Caminho.

### Referências

- Adam, J.-M. (2005) *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin.
- \_\_\_\_ (2002) De la période à la séquence. Contribution à une (trans)linguistique textuelle comparative. In H. L. Andersen, & H. Nølke (Eds.) *Macro-syntaxe et macro-sémantique*. Berne: Peter Lang, pp.167-188.
- \_\_\_\_ (1999) *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.
- \_\_\_\_ (1992) *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan.
- \_\_\_\_ (1990) *Éléments de linguistique textuelle. Théorie et pratique de l'analyse textuelle*. Paris: Nathan.
- Authier-Revuz, J. (1984) Hétérogénéité(s) Enonciative(s). *Langages* 73, pp. 98-110.
- Bernié, J.-P. (2002) Les genres discursifs, des outils sociaux de transformation des connaissances. In M. Ballabriga, *Analyse des discours. Types et genres: Communication et Interprétation*. Toulouse: EUS, pp. 331-355.
- Bronckart, J.-P. (2008) Discussion de quelques concepts pour une approche praxéologique du langage. In J. Durand, B. Habert & B. Lacks (éds.) *Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF'08*. Paris: Institut de Linguistique Française, pp. 861-867. Retirado em 10.08.2010, de <http://www.linguistiquefrancaise.org>
- \_\_\_\_ (2005) Os géneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações de desenvolvimento (F. M. Menéndez trad.). In F. Menéndez (org.) *Análise do Discurso*. Lisboa: Hugin Editores, pp. 37-79.
- \_\_\_\_ (1997) *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Coutinho, M. A. & F. Miranda (2009) To describe textual genres: problems and strategies. In Ch. Bazerman, D. Figueiredo & A. Bonini (orgs.) *Genre in a Changing World*. Colorado & Indiana: Parlor Press & WAC Clearinghouse, pp. 35-55.
- Genette, G. (1982) *Palimpsestes*. Paris: Seuil.
- Kristeva, J. (1969) *Séméiotikè: recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil.
- Maingueneau, D. (1998) *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod.
- \_\_\_\_ (1996) *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Seuil.
- Marcuschi, L. A. (2003) Géneros textuais: definição e funcionalidade. In A. Dionísio et al. (orgs.) *Géneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 19-36.

- Miranda, F. (2010) *Textos e Géneros em Diálogo – Uma Abordagem Linguística da Intertextualização*. Lisboa: FCG/FCT.
- Reis, C. (1996) *Introdução à Leitura de Uma Abelha na Chuva* (2.<sup>a</sup> edição). Coimbra: Almedina.
- Leite, A. M. (2003) Géneros orais representados em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto – reinvestir a memória da tradição oral de um estatuto literário. In *Literaturas Africanas e Formações Pós-Coloniais*. Lisboa: Colibri, pp. 43-64.
- Pinto, A. (1997) *Publicidade: um discurso de sedução*. Porto: Porto Editora.
- Reis, C. & A. C. Lopes (1998) Ficcionalidade. *Dicionário de narratologia*, 6.<sup>a</sup> edição. Coimbra: Almedina, pp. 159-163.
- Serra, P. (org.) (2003) *Uma Abelha na Chuva, Uma Revisão*. Coimbra: Angelus Novus.